

VIII ANO — N.º 26

ECOS DE GUIMARÃES

GUIMARÃES 3 DE AGOSTO DE 1924

Redacção e Administração
R. Gravador Molarinho, 45
GUIMARÃES

ORGÃO MONARQUICO

Director, Propriet. e Editor
João Pereira da Costa

Comp. e Impr. Tip. Lusitania
R. Gravador Molarinho
GUIMARÃES

Realisaram os vimaranenses, ano passado, na plenitude do seu AMOR À TERRA, a EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA do concelho. Viu então o paiz, com exalçada admiração, o que vale para o trabalho nacional esta tam característica terra portuguesa.

Um ano volvido, é ainda no esplendor da sua FESTA DA CIDADE, que os vimaranenses se mostram no seu civismo, erguendo para as homenagens da patria reconhecida a bandeira gloriosa do seu regimento.

Guimarães, berço vetusto da nacionalidade, continua dest'arte mantendo o brilho das suas mais velhas tradições historicas.



HONRA E GLORIA!

Com águas passadas não moem moinhos. E' velho aforismo, muito do nosso paladar.

Nós fômos abertamente contra a nossa expositanea participação na Grande Guerra.

Temos em alla veneração o nosso fidalguissimo Passado e não desejamos que as aventuras do presente viessem enodoar e enublar as lindas tramas da nossa Historia.

Fomos assim de ideas inteiramente contrarias ao nosso inutil esforço para êsse degladiar formidavel onde a nossa quota parte não podia ter preço. Mas o que lá vai, lá vai.

A Grande Guerra passou, o 9 d'Abril sumiu-se nos pesadêlos do Horror e dessa época unica no Mundo ficou apenas essa coisa bela com que nos envaidecemos e justamente: — os nossos Soldados, os nossos Herois da Guerra, fizeram das tripas coração e mostraram uma vez mais quanto vale o rubro sangue do brio luso e quanto pode a indomita energia que todos dizem hoje — o Valor da Raça!

Honra e Gloria sejam dadas aos nossos combatentes, aos rijos peitos que levantaram o nome de Portugal.

Honra e Gloria seja dada ao heroico Regimento que enobreceu Guimarães, o brazonado Berço das nossas Tradições primeiras.

HONRA E GLORIA AO REGIMENTO DE INFANTARIA 20 A QUEM NESTE MOMENTO É FEITA A CONSAGRAÇÃO BEM SOLENE DA SUA CRUZ DE GUERRA

Honra e Gloria!

Recordando...

A FRANCISCO MARTINS
E
JOÃO RODRIGUES LOUREIRO

Faz agora um ano!
Faz agora um ano e ainda se prende dos nossos olhos o soberbo mise-en-scene da Grande Exposição.

Da nossa 1.ª Exposição Industrial Concelhia, realizada em 1884, ficou-nos um relatorio. Da Exposição Industrial e Agrícola Concelhia de 1923, não há ainda um relatorio. E um dia, se êle não fôr elaborado, fará falta. E' que a memoria dos homens é fragil. E tempo, como sabem — é uma borracha de safar.

Entretanto, para os contemporaneos dêsse acontecimento que foi a nossa Grande Exposição de há um ano, basta, para nosso orgulho, recordar-lhe o esplendido, o magnifico triunfo. De puro orgulho bairrista proclamamos que a nossa exposição concelhia de há um ano, — fez sucesso! Fez sucesso, porque, de passo que patenteou a grandeza do esforço produtivo do nosso concelho, alargou os domínios dos nossos créditos de terra trabalhadora.

Disse um illustre professor, o sr. dr. Fernando Em'dio da Silva, em entrevista no Diario de Noticias «... eu vi a Exposição de Guimarães. Causa assombro como em tão poucos anos, se educou o operario português... de tal forma a produzir o que se vê nos mostruários da velha cidade minhota!»

Em verdade, assim é. Causa assombro que se produza entre nós tudo aquilo que a feria deslumbrante do notavel certamen concelhio nos patenteou. Quando, porém, se diga ao paiz que admirou as nossas manufacturas, na exposição de há um ano, — que tudo aquilo é mais o resultado da intuição tecnica do nosso operario, que o resultado de um profissional e metodosado ensino, então, quando isto se diga, o assombro será maior!

Na realidade o nosso operario não teve mestres nem escola. O que tem é atraz de si muitas gerações de artistas e artífices, de quem recebeu, por assim dizer, o fulcro assimilador. O nosso operario, em resumo, não conhece regras de escola: tecnologia e processologia. O seu apprendizado oficial limitou-se a assistir, a aprender, de ouvido, o que vê fazer aos outros. O seu lastro profissional é tam escasso que até desconhece o A B C do desenho! O que guia a mão e o cerebro do nosso operario, do nosso

industrial — é o impulso latente e vivo da nossa velha tradição industrial.

Cumpre, portanto, tomar novo rumo aproveitando essa massa dutil, mas embrionaria — o operario. Está ali a Escola Industrial: aproveitemo-la! Façamos dela, aquilo que ela tem obrigação de ser. Vai esta escola abrir o seu novo ano escolar no novo e amplo edificio do Proposto. Inscrevam-se os operarios, seus alunos. Deem ás folgadas horas que se seguem ás do trabalho, aquela applicação que os programas socialistas deram á divisão do dia: 8 horas de trabalho, 8 horas de descauço, 8 horas de instrução!...

E não venham dizer, os sem vontade, que a Escola Industrial não passa de um liceu disfarçado. E não venham argumentar para cá, que o ensino dessa escola, não é profissional e pratico. Que aquilo não passa dum curso de disciplinas teoricas, mal applicadas ao ensino industrial.

A quantos assim pensem, diremos: — Vão ao menos, aprender desenho! As disciplinas de desenho, exclusão do desenho de maquinas (?), tem á sua frente um professor autorisadissimo; competentissimo. E qual o operario que desdenhará da utilidade de aprender desenho? O desenho elementar e ornamental que na Escola Industrial se ministra, é fundamentalmente necessario ao nosso operario, ao nosso industrial.

Não se limitem, pois, a maldizer a parte negativa das disciplinas que ali se ensinam — ás paredes! Cumpre corrigir a tendencia de só dizer mal da Escola quando ali, apesar de tantissimas falhas no seu ensino, ainda há o suficiente pão nosso de cada dia para alimentar a cegueira do nosso operario e do nosso industrial em materia de a b c do desenho.

Inscrevam-se: deem frequencia á Escola Industrial e ela criará novos estímulos para se lançar, então, ao ensino pratico da mecanica e da quimica industrial.

Não paremos no triunfo especulativo e demonstrativo do grande certamen de trabalho, de ha um ano.

Criemos novos fulcros de vitalidade industrial! Aperfeiçoemo-nos! E' essa a melhor maneira de corresponder ao sucesso da Exposição de 1923.

A. L. DE CARVALHO.

Historia Resumida do Bravo Regimento d'Infantaria 20

Origem do Regimento

A infantaria começou a ter em Portugal uma organização uniforme no seculo XII, em cuja época as milicias comarcas e municipais evidenciaram desde logo a sua preponderancia nos combates mormente nas batalhas das Navas de Tolosa, e depois, nas de Atouros, Trancoso e Aljubarrota, ganhando para si nome honrado, louvores abundantes e mostrando ser a arma principal dos Exercitos.

E' depois da guerra de Sucessão de Espanha que começou a organizar-se permanentemente o exercito. A infantaria é dividida em 20 terços de mil homens, tendo cada terço uma companhia de granadeiros, que tempos depois, no reinado de D. Pedro II, passou a ter duas. Em 1707, D. João V dá nova forma aos terços constituindo-os em regimentos conhecidos pelos apelidos dos comandantes ou pelo nome da localidade onde estavam aquartelados, e denominando-se os comandantes «Coroneis». Por esta organização passou o terço de Campo Maior a formar dois batalhões constituindo o regimento de Campo Maior.

Nos fins do seculo XVIII o exercito existia apenas no nome. E' o Marquez de Pombal que ao entrar no governo da Nação, cuida principalmente do Exercito, acudindo-lhe com medidas urgentes e de grande alcance.

Chamando em 1762 o Conde de Lippe a tomar o comando das nossas forças, este organiza o exercito por D. de 3 de Setembro e forma muitos regimentos novos.

E' por esta organização que do regimento de infantaria de Campo Maior provem o regimento de infantaria 20.

Em 1801, por ocasião da guerra que a França e a Hespanha declararam a Portugal, o regimento, ainda com a mesma denominação, tomou parte na defesa da praça de Campo Maior onde se portou heroicamente.

Entrou pois o regimento de infantaria 20 quer com nome de Ordenanças de Campo Maior, quer com o de terços ou regimento da mesma vila, nas campanhas da Restauração em 1640, na guerra da Sucessão em 1706, na guerra de 1762 com a Espanha, na do Roussillon em 1793 e na de 1801 com a Espanha.

Mais tarde tornando-se imminente uma nova rutura com a Espanha e França, por D. do Principe Regente D. João, depois D. João VI, de 19 de Maio de 2006, organizou-se o exercito em divisões e brigadas, passando a ser numerados os corpos com o fim de que por esta numeração tivesse cada um o seu lugar constante na linha, sem que para isso dependesse da gradação e antiguidade do chefe que o comandasse.

O exercito foi formado em tres divisões com a designação de Divisão do Sul, do centro e do norte, tendo cada uma quatro brigadas.

A infantaria ficou composta de 24 regimentos, passando por esta organização o antigo regimento de Campo Maior a denominar-se regimento de infantaria 20, e a pertencer á 12.ª brigada da divisão do sul.

No ano de 1807 entra Junot em Lisboa, como governador do reino, e para aniquilar qualquer elemento de reacção contra o seu poder, tratou por todos os modos de

desorganizar o exercito portuguez, redinzindo-o por D. de 22 de Setembro e dandobaixa aos officiaes e soldados que as solicitavam dispensando assim os elementos de defesa nacional. Por este D. o regimento de infantaria 20 é dissolvido.

Com o intuito de afastar de Portugal as melhores tropas, mandou organizar uma divisão composta de seis regimentos de infantaria e tres de cavalaria, um total de nove mil homens afim de ir para a França, divisão que foi comandada por D. Pedro de Almada, Marquez de Alorna, tendo como immediato Gomes Freire de Andrade e por chefe do estado maior general Manoel Inacio Martins Pamplona.

O quinto regimento desta *regd.* digo, divisão foi irregularmente formado dos restos dos regimentos do Alentejo e Algarve, isto é peslos regimentos de infantaria 20, 8, 5, 2, e 14. Era seu comandante o coronel Francisco Ferreri tendo como segundo comandante o major Antonio de Macedo e como comandantes de batalhão o major Francieco Stuart e o capitão Alexandre José Berniger.

Esta divisão ficou conhecida na historia pelo nome de «Legião Portugueza» e tão distinta se tornou que o proprio Napoleão, depois da batalha de Wagram, querendo dar-lhe um publico testemunho de consideração, ordenou que ela fizesse, por um mez, a guarnição da cidade de Paris. São bem conhecidos de todos, os actos de heroismo e de valor praticados por esse punhado de bravos, que acompanharam Napoleão nas suas ultimas campanhas, que mesmo tão distante da Patria souberam honrar e ilustar o nome portuguez e que foram vitimas, quasi na totalidade, da desastrosa campanha da Russia.

Nos primeiros dias de Junho de 1808 com o auxilio das juntas governativas organizadas em todo o paiz, rebenta a guerra contra os invasores e a bandeira portugueza começa a tremular de novo nas nossas fortalezas. A Patria ia ressuscitar. A' custa de invenciveis energias, de épicos esforços dos soldados e do povo, Portugal livre, Portugal independente, ia de novo viver na Historia. Depois das batalhas da Rolica em 17 de Setembro e do Vimieiro em 21 do mesmo mez, realisou-se a Convenção de Cintra, retirando Junot de Portugal. Restabelecido por esta forma o governo de D. João IV, usurpado pelo imperador dos francezes desde o principio de Dezembro de 1807, determinaram então os Governadores do reino a reorganização de todos os corpos das diferentes armas que compunham o exercito Portuguez antes da primeira invasão franceza.

Em 30 de Setembro são recrutados todos os mancebos de 18 a 30 anos, com os quais e com as praças despedidas e desertoras mandadas apresentar, se formam por D. de 14 de Outubro, 24 regimentos de infantaria e 6 batalhões de caçadores numerados de 1 a 6.

O regimento de infantaria 20 ia com os restantes corpos do nosso exercito fazer a reconquista heroica da independencia da Patria; o grande edificio da autonomia nacional ia argamassa-lo o sangue glorioso dos soldados portuguezes.

E' pois infantaria 20, assim reconstituído, que entra nas pugnas

épicas da guerra peninsular desde 1810 a 1814, merecendo especiais elogios e admiração dos aliados.

Finda a guerra o regimento regressa á Patria em Julho de 1814 que o recebe com entusiasmo, indo para Abrantes, localidade esta que lhe foi destinada para aquartelamento. Depois da guerra peninsular continuou o regimento de infantaria 20, como todos os de infantaria a ter a força de 1011 praças, força decretada pela reorganização de 29 de Outubro do mesmo ano; assim se conservou tudo até que apoz os acontecimentos da America e temendo-se qualquer tentativa hostil da parte da espanha, procedeu-se a nova reorganização do exercito em 21 de Fevereiro de 1816, passando infantaria 20, por esta organização a ter definitivamente o seu quartel em Abrantes.

Em 4 de Janeiro de 1837 a infantaria passa a ser composta de 30 batalhões, sendo o de infantaria 20 e de caçadores 10. A numeração é seguida de 1 a 30, sendo 1 a 5 para os caçadores, 6 a 25, para a infantaria da linha e 26 a 30 novamente para os caçadores. Por esta organização passou o regimento de infantaria 4 a ser denominado batalhão de infantaria 20 com o seu quartel em Tomar.

Em 31 de Julho do mesmo ano deixou de ter o numero 20 passando a ser novamente regimento de infantaria 4 e por D. de 23 de Março de 1838 passou de novo a batalhão de infantaria 20. Por D. de 26 de Outubro de 1840 passou a ter o seu quartel permanente em Elvas fazendo parte da 7.ª Divisão.

Pela organização de 28 de Novembro de 1842, foi dissolvido o batalhão de infantaria 20 que passou a denominar-se regimento de infantaria 4. Por esta organização a infantaria passou a ter 16 regimentos de linha, 8 batalhões de caçadores e o regimento de granadeiros da rainha.

O actual regimento de infantaria 20 foi constituído em 3 de Novembro de 1884, em cumprimento do D. de 30 de Outubro publicado na O. E. n.º 20 de 31, em que se reorganizou o exercito portuguez, sendo-lhe destinado a cidade de Guimarães para seu quartel.

No dia 16 de Novembro do mesmo ano chegam a Guimarães o coronel comandante do regimento Siao Inacio de Carvalho e os contingentes dos regimentos de infantaria n.ºs 3, 7, 8, 10, 13, 17 e 18 destinados a constituir o casco do regimento de infantaria 20, sendo alojado no antigo palacio dos Duques de Bragança.

Relação das batalhas campais combates e defesas de praças em que entrou infantaria 20

Campanhas de 1801

Defesa de Campo Maior—21 de Maio a 6 de Junho (1129 homens de infantaria de Campo Maior).

GUERRA PENINSULAR

Batalhas Campais

Barrosa a 5 de Março de 1811 (Combateram 331 homens, tendo um official e 10 soldados mortos e 39 feridos)

Sevilha—a 27 de Agosto de 1812 (combateram 700 homens tendo 1 soldado morto)

Combates

Ponte de Suazo—a 17 de Maio de 1810 (combateram 1194 homens); Castelo de Niebla—a 17 de Agosto de 1812 (combateram 700 homens); S. Lucas Major—a 25 de Agosto de 1812 (combateram 700 homens); Aranguez—a 30 de Outubro de 1812 (combateram 1179 homens); Huebra e S. Munoz—a 17 de Novembro de 1812.

Defesas

Castelo de Cadiz e Ilha de Leão—de 10 de Fevereiro de 1810 a 30 de Agosto de 1812 (combateram 1529).

GRANDE GUERRA

Combates

Fauquissart—a 12 de Março de 1918 (combateram 800 homens tendo 1 morto e 50 feridos).

Batalhas

La Lis—a 9 de Abril de 1918 (combateram 800 homens tendo 1 official morto 4 feridos e 15 prisioneiros e 30 praças mortas, 26 feridas, 13 desaparecidos e 365 prisioneiros).

Grande Guerra

1914 e 1918

Tendo a Alemanha declarado guerra a Portugal, em Março de 1916, e tendo já prestado o Regimento de Infantaria n.º 20, o seu esforço em Africa (campanha do Sul de Angola) com as 4 companhias do 3.º batalhão, na força sucessiva de 2 companhias, coube a vez ao 1.º batalhão de ir colaborar no tremendo conflito europeu, em 22 de Maio de 1917, data em que marchou para Lisboa afim de embarcar para a França num transporte de guerra inglez.

Embarcaram 993 soldados cabos e corneteiros, 43 sargentos e 28 officiaes.

Estas forças constituem o 3.º Batalhão do 6.º regimento das nossas forças em França. No dia 30 chegaram estas forças a Brest onde desembarcaram no dia 1 de Junho. Daqui partiram para Wizerne em caminho de ferro onde chegaram em 3 de Junho, marchando seguidamente pela via ordinaria para Herbeles onde acantonaram até 14, data em que passaram a acantonar em Mametz onde ficaram em terino e instrução. Em 26 de Junho marchou o batalhão para Inghens onde ficou bivacado e em 23 de Agosto marchou para a frente (Bewri) passando então a ocupar o sector de Coinchy, em Setembro o de Ferme do Bois e em Fevereiro de 1918 o de Fauquissart.

Neste ultimo sector teve o batalhão as duas acções mais importantes da campanha—o combate de Fauquissart—, conhecido pelo raid de 12 de Março, e batalha de Lys, conhecida tambem pelo 9 de Abril.

Pela maneira como repeliu o ataque alemão de 12 de Março de 1918 foi o batalhão de infantaria 20 louvado em ordem de serviço n.º 78 de 19 de Março da 2.ª Divisão do C. E. P., louvor concedido nos seguintes termos: «Que o batalhão de infantaria 20 seja louvado pela disciplina, coragem e bravura com que repeliu o inimigo no violento ataque de 12 do corrente, não permitindo que ele tomasse um só elemento da linha A.

Mais tarde por D. de 7 de Abril de 1923 inserto na C. E. n.º 7-2ª serie a) 21 do mesmo mez, foi a

Bandeira do Regimento de Infantaria 20 condecorada com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe por esta notavel acção.

Na grande batalha do Lys (9 de Abril) tambem o batalhão da infantaria 20 teve acção, fazendo parte da celebre Brigada do Minho, e portando-se heroicamente teve as seguintes baixas: nos officiaes, 1 morto 4 feridos 13 desaparecidos, e 365 prisioneiros.

Após a batalha do Lys ficou o batalhão de infantaria 20 esfacelado pelas grandes perdas sofridas reduzido a cerca de 300 homens incluindo os hospitalizados, etc, sendo por isso occupado em serviços da retaguarda, e as praças dispersas por varias unidades, até ao armistício, em 11 de Novembro desse ano.

Em Março e Abril de 1919 regressaram a Portugal as tropas de Infantaria 20, tendo cumprido nobremente o seu dever militar.

Nesta grande guerra foram condecorados com a Cruz de Guerra 8 officiaes e 14 praças e louvados 4 officiaes e 4 praças, todos do batalhão de infantaria 20.

Para maior detalhe e documentação transcrevemos as descrições do combate do Fauquissart.

DESCRIÇÃO DO COMBATE DE

12 DE MARÇO DE 1918

—COMBATE DE FAUQUISSART—PELO QUAL A BANDEIRA DO REGIMENTO DE INFANTARIA 20 FOI CONDECORADA COM A CRUZ DE GUERRA DE 1.ª CLASSE, ACTO ESTE QUE HOJE SE REALISA COM A MAXIMA IMPONENCIA PELAS HORAS NA PRAÇA DO TOURAL.

Combate de Fauquissart

12 de Maio de 1918

Receando-se qualquer acção do inimigo, receio fundamentado no grande movimento que nos dias anteriores tinha sido observado nas linhas, a nossa artilharia, em cumprimento das ordens recebidas, rompeu um fogo violento, pelas 5 horas do dia 12 de Março, sobre as 1.ª linhas inimigas. Em breve a artilharia alemã respondia violentamente, bombardeando a primeira e segunda linhas (linha A e B.) occupadas pelo nosso batalhão (em Fauquissart I) bem como as trincheiras de comunicação, abrindo assim largas brechas nas defesas, arrusando e nivelando os parapetos. Em seguida, um impulso brutal e formidavel, os alemães saltam dos seus abrigos e correm ao assalto das nossas linhas, entre Fauquissart e Chagny, caindo em massa sobre o flanco direito do batalhão de infantaria 20. De ambos os lados a artilharia troava furiosamente. A luta foi rapida e tremenda. Mas o impulso das vagas assaltantes era imediatamente quebrado por um contra ataque fulminante dos valentes soldados do 20. Nem um só dos homens vacillou no seu posto, uidos ao parapeito, repelindo destemidamente o inimigo, que não conseguia sequer apoderar-se dum unico elemento da trincheira. Do nosso lado os actos de bravura sucediam-se numa rapidez fulgurante e assombrosa.

Um primeiro cabo com as mãos

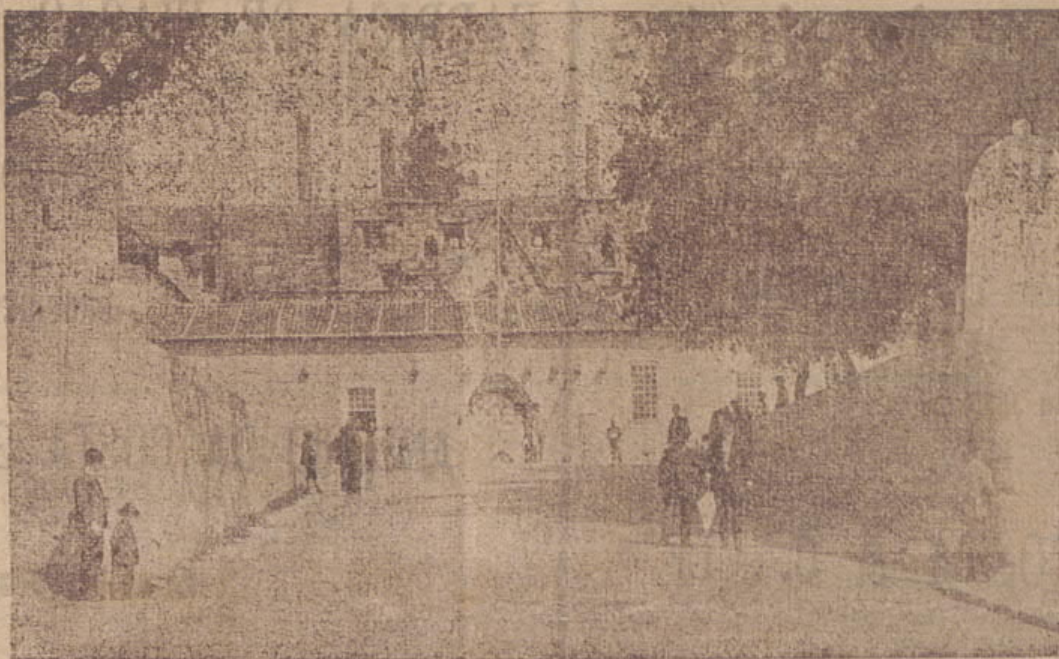


Capitão José Vieira Faria
Morto em campanha

Como vimaranenses e como portugueses curvamo-nos respeitosamente ante os tumulos dos soldados do 20, mortos em campanha, e na gentil figura que tão bõa memoria nos deixou, do saudoso patricio e bom amigo capitão José Vieira de Faria, saudamos comovidos e respeitosos as memorias dos que pereceram na Grande Guerra, quere nos campos da Africa quere nos da França.

E se como portugueses os chamamos como catholicos oramos a Deus pelo eterno descanso das suas almas e a estas pedimos que orem tambem á divina providencia para que dê dias de ventura feliz a este pobre e desprotegido pais!

crispados na sua metralhadora batia-se a peito descoberto, despresando a vida e oferecendo-a em sacrificio da honra do dever militar. Mais alem, um segundo sargento é ferido mas teima ainda em não abandonar o seu posto: uma granada rebenta perto e durruba-o, cheio de estilhaços e sangrando-o por todo o corpo. Só assim, exánime, o conseguem levar para a ambulancia. As nossas perdas em mortos e feridos foram pesadas, mas em pouco tempo o combate alemão estava completamente frustado e, cerca das 7 horas e 30 minutos, o inimigo, já de novo abrigado nas suas linhas, tendo deixado alguns prisioneiros nas nossas mãos, levantavam, ao sol claro e brando da manhã, a bandeira da Cruz Vermelha, para sair a terra de ninguém a receber os feridos e mortos que as metralhadoras e espingardarias do heroico batalhão de infantaria 20 tinham ceifado impietosamente. Durante a acção e pelas 6 horas e 30 minutos chegou uma companhia de infantaria 29 sob o comando do capitão Cunha, que, já não sendo precisa na frente, começou desde logo a auxiliar as reparações na segunda linha, as quais dentro em pouco se completaram. Os officiaes que maior acção exerceram para repelir o inimigo da nossa primeira linha foram os alferes Quedes Gomes, Serafim Rodrigues e Tarrinho, que se portaram valentemente acompanhados dos seus homens. Logo de principio o alferes Tarrinho ficou ferido, sendo substituído no comando do pelotão pelo alferes Quedes Gomes que neste combate fez 2 prisioneiros na terra de ninguém, e, já por este acto de valor, já pela acção que teve na defesa do sector não consta que tenha sido devidamente recompensada certamente por involuntaria omição de relatorios. No dia immediato este official foi ferido gravemente quando regressava da ronda ás patrulhas de escuta, recolhendo ao hospital 32 Canadiano (Vime-



Quartel d'Infanteria 20
Antigo Paço dos Duques de Bragança



Coronel José Julio Lige
Comandante d'Infanteria 20.

O «Ecoss de Guimarães» publicando o retrato do illustre Comandante de Infantaria 20, cumprimenta em Sua Ex.^a o Regimento aqui aquartelado pela distincção que hoje lhe vai ser imposta.

E' nos gratissimo prestar esta homenagem ao illustre Comandante do 20, que sendo um official distintissimo é um cavalheiro em toda a acepção da palavra e altamente respeitado em todas as facções politicas e pessoais.

Por tudo nos é bem penhorante prestar ao illustre official esta homenagem saudando em Sua Ex.^a o bravo Regimento de infantaria 20, com quem nos congratulamos pela festa de hoje.

As comissões nomeadas para tratar desta comemoração tem tido um trabalho insano, merecendo o nosso aplauso.

As ornamentações, apesar de simples estão mimosas e com gosto e hoje, como se vê, pelo programa que publicamos há dois numeros que devem chamar farta concorrência como sejam a missa mandada celebrar pelo clero e a condecoração da Bandeira do Regimento. A missa deverão assistir os srs. Arcebispo Primaz, e entidades officiaes.

Não se compreendia que não houvesse uma missa pelos mortos e por isso esta idéa foi acolhida com entusiasmo por todos os filhos desta terra, que é tradicionilmente fervorosa e crênte como o provará nessa tocante e comovente cerimonia religiosa, em que fará o elogio do valor da Raça e da sua religiosidade o illustre orador sagrado e antigo capelão militar sr. Conego Dr. Luis Lopes de Melo.

reux). Os restantes dias de Março decorreram sempre sob a mesma agitação, dos anteriores, succedendo-se os bombardamentos quasi ininterruptamente e deivando a proteção das trincheiras de oferecer aquela segurança que até ali elas aparentemente ofereciam.

(Monografia por Joaquim Ferreira da Silva, pag. 15 a 17; A Brigada do Minho na Flandres pelo coronel F. Mardel, pag. 118 164. Ordem de serviço n.º 78, de 19 de Março de 1918 da 2.^a D do C. E. P.)

(De um livro, em preparação, do illustre official do 20, sr. Duarte Fraga que por especial gentileza acedeu ao pedido do «Ecoss de Guimarães».

GRANDES FESTAS EM GUIMARÃES

Nos dias 2, 3 e 4 d'Agosto

Por ocasião da aposição da **CRUZ DE GUERRA**
de 1.^a CLASSE na Bandeira do Regimento
de Infantaria 20

PROGRAMA

ONTEM

Houve recepção ás entidades officiaes e, á noite, no Campo da Feira e Jardim Publico, iluminações e arraial. As feiras de S. Gualter estão sendo muito concorridas.

HOJE

Às 6 horas, alvorada feita por todas as bandas regimentais; ás 8 horas, hasteamento da Bandeira Nacional com todas as solenidades; ás 10 horas, solenidade religiosa no vasto templo de Nossa Senhora da Oliveira, por iniciativa do clero desta cidade, com a presença do snr. Arcebispo Primaz e do capelão do C. E. P. dr. Luiz Lopes de Melo, condecorado com a Torre Espada e Cruz de Guerra, que fará uma alocução; ás 14 horas, Parada Geral, no Largo do Toural, em que tomarão parte o regimento de infantaria 20, na sua maxima força, contingentes e bandeiras dos regimentos de infantaria 3, 8 e 29, que fizeram parte da celebre e heroica Brigada do Minho, artilharia 5, cavalaria 11 e 8.º grupo de metralhadoras, Guarda Nacional Republicana, Bombeiros Voluntarios, Escoteiros, etc. Nesta parada será feita pelo Sr. Ministro da Guerra a Aposição da Cruz de Guerra de 1.^a Classe á Bandeira do de Infantaria 20.

Em seguida á parada organizar-se-ha um cortejo em que tomarão parte as camaras municipais de Guimarães, Fafe, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, Mondim de Basto e Celorico de Basto com os respectivos estandartes, associações locais, autoridades e todas as tropas que tomam parte na parada, assistindo o Sr. Ministro da Guerra e demais individualidades ao seu desfile, das janelas da Sociedade Martins Sarmento.

O cortejo seguirá o seguinte itinerario: Praça do Toural, Rua Paio Galvão, Rua de Gil Vicente, rua 5 de Outubro, Largo Martins Sarmento até ao quartel do regimento de infantaria 20, onde se fará o descerramento da lápide dos mortos da guerra, junto da qual serão colocadas, até ao por do sol, as bandeiras militares, sob a guarda de um pelotão de honra. Todas as forças desfilarão em continência por frente da lápide.

Às 17 horas, grande garraia da na praça sita ao Campo José Minotes.

Às 21 horas, iluminações gerais na cidade, grande festival no jardim publico, onde tocarão todas as bandas militares, e fogos de artificio e continuação do arraial minhoto no Campo da Feira.

Às 23 horas, imponente e maravilhosa Marcha Luminosa constituida por praças do exercito, Bombeiros Voluntarios, Escoteiros e empregados do commercio, da qual faz parte a original e surpreendente «Marcha Milaneza», e na qual tomam parte as bandas militares e carros alegóricos.

No fim da Marcha Luminosa haverá comboios ascendentes e descendentes á meia e uma hora.

AMANHÃ

Retirada do Sr. Ministro da Guerra e entidades convidadas.

Às 17 horas, 2.^a garraia da, sendo lidados 8 bravos e puros garraios.

Fabrica de Fiação e Artefactos de Malha

Armazem de Fazendas de Algodão

Casa Fundada em 1873

BENTO DOS SANTOS COSTA & C.^a, L.^{da}

Fabrica

Avenida Miguel Bombarda

Armazem e escritório

R. de Camões

Guimarães

FABRICA DE FIAÇÃO E

TECIDOS DO CASTANHEIRO

PROPRIETARIOS:

ANTONIO DA COSTA GUIMARÃES, F.^o & C.^a

Guimarães

A mais importante das empresas particulares de Guimarães; ganhou os pri-

meiros premios nas exposições a que concorreu.

Especialidade em atalhados, guardanapos, toalhetes, panos de

linho e algodão, etc.

Fabrica de Cortumes de Roldes Limitada

Caneiros - Guimarães

A primeira fabrica mecanica que se construiu nesta cidade e onde com

toda a perfeição e economia se trabalha pelos

processos Vegetal e Chrom.

Empreza Textil de Caneiros L.^{da}

Caneiros - Guimarães

Fabrica de tecidos

Fabrica de Cortumes da Madroa

Escritorio - Rua 31 de Janeiro

Guimarães

LUSITANIA

Papelaria - Tipografia
Encadernação

Proprietario: **JOÃO PEREIRA DA COSTA**

45, RUA GRAVADOR MOLARINHO, 49

GUIMARÃES

Ecos de Guimarães

O Jornal mais lido d'esta cidade

Tiragem dois mil exemplares